

# O debate sobre Transformação Militar na China: a reforma de 2015 no Exército de Libertação Popular (PLA)

Peterson Ferreira da Silva \*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar o atual debate sobre transformação militar na China, concentrando-se na reforma iniciada em 2015 nas forças armadas chinesas (PLA – People’s Liberation Army). Assim, são levantadas as principais questões e desafios contemporâneos do aparato militar chinês e os elementos centrais da reforma estabelecida a partir de 2015. Esta análise preliminar permite destacar a importância para o caso chinês da liderança política e das estratégias utilizadas para vencer resistências burocráticas e definir novas prioridades.

**Palavras-chave:** Estratégias de Transformação Militar; Geopolítica; Forças Armadas; Uso da Força; China.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to explore the current debate on military transformation in China, focusing on the reform initiated in 2015 in the Chinese People's Liberation Army (PLA). Thus, the main issues and challenges of the Chinese military apparatus and the central elements of the reform established from 2015 onwards are raised. This preliminary analysis highlights the importance for the Chinese case of political leadership and the strategies used to overcome bureaucratic resistance, as well as to define new priorities.

**Keywords:** Military Transformation Strategies; Geopolitics; Armed Forces; Defense; China.

\*Doutor em Relações Internacionais (IRI-USP), professor do campus Brasília da Escola Superior de Guerra (ESG) e pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx). Este artigo, assim como as ideias, informações e dados nele contidos expressam o pensamento de seu autor, sendo de sua inteira responsabilidade, não representando necessariamente a posição do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra ou do Exército Brasileiro.

## Sumário Executivo

Entre o final da Guerra Fria e a ascensão de Xi Jinping à presidência da China, as forças armadas chinesas (People's Liberation Army – PLA) sofreram poucas mudanças organizacionais, embora tenham recebido importantes novos investimentos em vários equipamentos modernos, como aeronaves de combate, navios aeródromos, meios navais e terrestres;

A partir de 2015, foi anunciada uma redução de 300.000 militares no PLA e uma profunda reorganização administrativa e organizacional, fortalecendo a autoridade da Comissão Militar Central (Central Military Commission – CMC), substituindo quatro grandes departamentos por quinze órgãos especializados (cortando um terço do pessoal) e reduzindo a tradicional preponderância do componente terrestre (People's Liberation Army Ground Force – PLAA) perante as outras forças;

Foram criadas uma Força de Apoio Estratégico (Strategic Support Force - SSF) e um quadro denominado de Joint Logistics Support Force. Assim, o PLA passou a contar com cinco forças principais: PLA Army, PLA Navy, PLA Air Force, Rocket Force e Strategic Support Force. Ao todo, o PLA totaliza cerca de 2.2 milhões de efetivo ativo;

Os sete comando militares de área foram substituídos por cinco comandos conjuntos. As forças passaram a se dedicar a organizar, treinar e equipar as tropas, enquanto os cinco comandos ficaram responsáveis pelos treinamentos conjuntos e operações;

Diversas atividades não-combatentes foram cortadas, mais de mil unidades militares foram extintas e 30% dos oficiais comissionados dispensados. Em 2017, a força terrestre teria passado a representar menos de 50% do total do PLA;

Estima-se o orçamento militar chinês em cerca de US\$ 228,2 bilhões (1,9% do PIB). Esse montante, segundo fontes não oficiais, estaria dividido em três partes praticamente iguais voltados, respectivamente, para gastos com pessoal; operações (incluindo treinamentos e exercícios) e equipamentos. Isso pode significar que China estaria próxima (ou até superaria) padrões de gastos militares perseguidos pelas principais potências da OTAN (EUA, Reino Unido, França e Alemanha), isto é, cerca de 2% do PIB alocado em defesa, sendo 20% desse montante dedicado a equipamentos e dispêndios com pessoal abaixo da linha de 50% do orçamento militar.

## Introdução

Em setembro de 2015, o presidente chinês Xi Jinping declarou que cortaria 300.000 militares das forças armadas da China, o Exército de Libertação Popular (PLA, do inglês People's Liberation Army). Essa redução do efetivo militar foi uma das maiores em décadas. Em 1997, cerca de 500.000 militares foram dispensados e, em 2003, esse número foi de aproximadamente 200.000 (WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 8). No entanto, longe de representar um sinal de enfraquecimento do poder militar de Beijing, essa diminuição de pessoal, anunciado durante a parada militar para marcar os 70 anos do final da II Guerra Mundial, era apenas um dos primeiros passos de uma das mais importantes reformas realizadas no aparato militar da China (WONG; PERLEZ; BUCKLEY, 2015).

Em 2013, Xi Jinping foi nomeado pela Assembleia Nacional Popular (ANP) presidente da República Popular da China (RPC), sucedendo Hu Jintao (2003-2013). Desde o início de sua gestão, Xi colocou em pauta uma série de reformas econômicas e sociais no país (KROEBER, 2013; YAO; BLANCHARD, 2013). Consideradas por analistas como as mais ambiciosas desde Deng Xiaoping (1978-1990), essas amplas reformas podem ser visualizadas, sinteticamente, como uma tentativa de balizar as expectativas em torno da continuidade do crescimento econômico chinês com um cenário internacional abalado pelos desdobramentos da crise financeira de 2008.

Os primeiros sinais da intenção de Xi Jinping de expandir essas reformas para o campo militar do país se tornaram mais evidentes em 2014, quando foram divulgadas informações sobre um grupo de trabalho, sob a liderança direta de Xi, voltado para cumprir o objetivo de construir um “forte exército” (BLANCHARD, 2014; CHINESE army raise..., 2014; WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 9).

Em novembro de 2015, o presidente chinês anunciou seus planos para a

reorganização das forças armadas (PLA), diminuindo a tradicional influência do componente terrestre perante as outras forças, reduzindo funções não-combatentes e administrativas, assim como focando na dimensão conjunta (joint). Acumulando posições como a de secretário-geral do Partido Comunista da China e presidente da Comissão Central Militar (Central Military Commission – CMC), bem como sendo considerado o líder mais importante da China desde Mao, Xi Jinping tem reiteradamente investido seu poder e influência para aumentar seu controle sobre as forças armadas e para concretizar a reforma militar idealizada em 2015. Desde suas primeiras raízes, em 1927, os militares têm representado uma das instituições mais tradicionais (e influentes) de toda China (PAGE, 2016; LEI, 2018). No longo prazo, o plano do partido liderado por Xi Jinping é tornar o aparato militar chinês de primeira linha mundial em 2050 (LEI, 2017).

## Pré-2015: Novos Projetos Militares, Mesmas Estruturas Organizacionais

A China é um dos países mais relevantes para as relações internacionais na atualidade. Segundo dados do Banco Mundial (2018), o país representa o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do planeta, ultrapassando US\$ 12 trilhões, atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA), com seus mais de US\$ 19 trilhões. Beijing também ocupou, em 2017, a segunda posição em gastos militares do mundo, segundo informações e dados disponibilizados por pesquisadores associados ao Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) (ver **Tabela 1**). Enquanto os EUA dispenderam, em 2017, cerca de US\$ 610 bilhões, os gastos militares chineses, no mesmo ano, foram estimados em aproximadamente US\$ 228 bilhões. Somados, esses dois países representam 48% de todo o gasto bélico mundial, sendo a contribuição dos EUA de 35% e da China, 13% (TIAN et al., 2018, p. 3). A principal diferença, todavia, é que enquanto os gastos militares norte-americanos

diminuíram cerca de 14% entre 2008 e 2017, na China esse mesmo montante aumentou 110% no mesmo período (Ibid., p. 2).

<b>TABELA 1 – Os 15 Estados com os maiores gastos militares em 2017 (SIPRI, 2018) e os 15 maiores Produtos Internos Brutos (PIB) em 2017 (WORLD BANK, 2018)</b>					
<b>(Posição em 2017) País</b>	<b>Gastos militares em 2017 (\$ bi.)</b>	<b>Variação 2008-2017 (%)</b>	<b>Proporção do PIB em 2017 (%)</b>	<b>(Posição em 2017) País</b>	<b>PIB (milhões de US\$)</b>
(1º) EUA	610	-14	3.1	(1º) EUA	19.390.604
(2º) China	[228]	110	[1.9]	(2º) China	12.237.700
(3º) Arábia Saudita	[69.4]	34	[10]	(3º) Japão	4.872.137
(4º) Rússia	66.3	36	4.3	(4º) Alemanha	3.677.439
(5º) Índia	63.9	45	2.5	(5º) Reino Unido	2.622.434
(6º) França	57.8	5.1	2.3	(6º) Índia	2.597.491
(7º) Reino Unido	47.2	-15	1.8	(7º) França	2.582.501
(8º) Japão	45.4	4.4	0.9	(8º) Brasil	2.055.506
(9º) Alemanha	44.3	8.8	1.2	(9º) Itália	1.934.798
(10º) Coreia do Sul	39.2	29	2.6	(10º) Canadá	1.653.043
(11º) Brasil	29.3	21	1.4	(11º) Rússia	1.577.524 a
(12º) Itália	29.2	-17	1.5	(12º) Coreia do Sul	1.530.751
(13º) Austrália	27.5	33	2.0	(13º) Austrália	1.323.421
(14º) Canadá	20.6	13	1.3	(14º) Espanha	1.311.320
(15º) Turquia	18.2	46	2.2	(15º) México	1.149.919

[ ] = Estimativa realizada por pesquisadores do SIPRI. Maiores detalhes em TIANet at. (2018, p. 2).  
a. Baseados em dados oficiais russos. Mais informações em World Bank (2018, p. 4).  
**FONTE:** o autor (2018), conforme informações e dados disponibilizados em: TIAN, Nan; FLEURANT, Aude; KULMOVA, Alexandra; WEZEMAN, PieterD.; WEZEMAN, Siemon T.. *Trends in World Military Expenditure, 2017*. SIPRI FactSheet, May 2018 <[https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-05/sipri fs 1805 milex 2017.pdf](https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-05/sipri_fs_1805_milex_2017.pdf)> (acesso em: 15/10/2018) e WORLD BANK. *World Development Indicators database*, 21 September 2018 <<http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>> (acesso em: 15/10/2018).

O crescimento econômico chinês das últimas décadas pode ser visualizado como parte de um contexto de maior relevância dos países emergentes no delineamento da ordem internacional. Tal percepção ganhou mais notoriedade especialmente com o surgimento, em 2001, do acrônimo BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China – mais adiante a África do Sul foi incorporada ao grupo). China e Índia, sobretudo, desempenharam crescentes papéis na cena internacional nas últimas décadas, em contraste com os resultados obtidos nos últimos anos pelo Brasil e pela Rússia, os quais se mostraram abaixo das expectativas (MCLANAHAN, 2015; MCRAE, 2018). Segundo dados do Banco Mundial (sem data), o PIB chinês cresceu anualmente acima dos

dois dígitos entre 2003 e 2007. Ademais, mesmo considerando os efeitos da crise de 2008 na economia global, durante os três primeiros meses de 2015, por exemplo, apenas três países (China, EUA e Índia) foram responsáveis por aproximadamente 80% do crescimento econômico global (THE ECONOMIST, 2015). Segundo economistas, espera-se que cerca de 70% do crescimento global nos próximos doze anos virá dos mercados emergentes, com destaque para a possibilidade de que a China ocupe a posição de maior economia mundial em 2030, ultrapassando os EUA. A Índia, por sua vez, pode ocupar a terceira posição, superando países como Japão, Alemanha, Reino Unido e França (MCRAE, 2018).

Paralelamente à sua pujança econômica, visualizam-se esforços na China para tentar equiparar o seu poder militar ao econômico. País nuclearizado desde os anos 60 e membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1971, Beijing investiu em uma nova fase de modernização militar após a Queda do Muro de Berlim e depois do desempenho tecnológico obtido pelos EUA na I Guerra do Golfo (1990-1991). Durante a presidência de Jiang Zemin (1993-2003), e diante de episódios como as pressões norte-americanas durante a crise no estreito de Taiwan na metade dos anos 90, houve empenho governamental para instituir controles mais rígidos sobre as organizações militares, para aproximar o PLA do Partido Comunista Chinês (PCC), bem como para enfrentar a corrupção e os privilégios que militares detinham dentro do regime (MALAFAIA, 2015, p. 131). No entanto, esse quadro seguiu praticamente sem grandes alterações com Hu Jintao (2003-2013), embora estímulos tenham sido feitos em direção à modernização das forças armadas durante os anos 2000 (PAGE, 2016).

O governo chinês passou a investir pesadamente em novos equipamentos, em operações conjuntas e em Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Entre os principais projetos militares, podem ser destacados, por exemplo, o desenvolvimento de diferentes versões de aeronaves com tecnologias furtivas aos radares baseadas no Chengdu J-20 (DOMINGUEZ; JOHNSON, 2018); o aperfeiçoamento contínuo de mísseis, especialmente antissatélites e antinavios, como parte do que os norte-americanos denominam de estratégia de anti-acesso e de negação de área (A2/AD) (MYERS, 2018); os investimentos em navios aeródromos (incluindo planos envolvendo a incorporação de propulsão nuclear) (YUSHA, 2018); e o ritmo elevado de produção doméstica de dezenas de submarinos e navios de guerra (YEO, 2018).

A maior parte desses novos e bilionários projetos militares ganharam ímpeto na agenda política chinesa ao longo dos anos

2000, porém contrastavam com estruturas organizacionais e práticas internas do PLA incompatíveis com a guerra moderna. Chasen et. al (2015), por exemplo, identificam e organizam algumas das fragilidades das forças armadas chinesas (PLA), verificadas antes das reformas de 2015, em dois grandes grupos.

O primeiro grupo reúne deficiências organizacionais e associadas a capital humano e, nesse quesito, é possível salientar, por exemplo, (i) fricções na relação entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e o PLA, uma vez que é possível identificar correntes entre militares defendendo adespolitização e a nacionalização das forças armadas (ibid., p. 44; WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 33); (ii) problemas de coordenação das atividades do PLA com outras políticas públicas, criando um afastamento civil-militar em relação a outros órgãos e autoridades do Estado chinês distintos do PCC – incluindo dificuldades de supervisão e de controle civil (Ibid., p. 45-47); (iii) elevado nível de corrupção nas forças armadas (Ibid., p. 48); (iv) tendência dos mais baixos escalões de evitar tomadas de decisão, projetando a responsabilidade para os níveis mais altos – o que constringe iniciativas operacionais (Ibid., p. 50); e (v) inclinação de evitar treinamentos mais desafiadores ou realísticos.

Often, exercises are seen as failures if “red” (i.e., the PLA) does not win, so exercises are not seen as a chance to identify problems during training that can be remedied before actual wartime operations commence. Additionally, political pressures and a culture of treating exercises and training as opportunities to impress one’s superiors further erode the utility of exercises as tools to surface and address problems in military organization, planning, and execution (CHASEN et al., 2015, p. 50).

Além disso, ainda é possível ressaltar (vi) a tradicional preponderância do componente terrestre (People’s Liberation Army Ground Force – PLAA) perante outras forças, o que dificulta atividades e operações conjuntas (Ibid., p. 51); (vii) o baixo nível de contato entre oficiais chineses com experiências

internacionais e de combate; (viii) o grande efetivo das forças armadas chinesas como um todo, demandando um esforço logístico e administrativo massivo para manter 2,3 milhões de militares, sendo compostas por grandes proporções de conscritos em sua base e de oficiais e cargos políticos em seu topo (Ibid., p. 53-55); e (ix) as ultrapassadas estruturas de comando e controle, envolvendo diferentes autoridades, como os onze membros do CMC, quatro departamentos e sete regiões militares (Ibid., p. 57).

Já o segundo grupo de fragilidades apontadas por Chasen et al. (2015) abarca questões mais ligadas às capacidades militares e à logística, incluindo capacidades insuficientes de transporte aéreo estratégico, quantidades limitadas de aeronaves especializadas e deficiências na defesa aérea e em guerra antissubmarina (ibid., p. x). Apenas a título de ilustração, entre as vulnerabilidades identificadas por esses autores apenas no âmbito da força terrestre chinesa (People's Liberation Army Ground Force – PLAA) podem ser destacadas, por exemplo, (i) o desafio da qualidade dos recursos humanos sob a perspectiva das capacidades militares, especialmente quando se leva em consideração que a China não participa de uma grande conflito desde a Guerra Sino-vietnamita (1979) (ibid., p. 76); (ii) as dificuldades em se obter um corpo profissional e moderno de graduados (non-commissioned officers - NCOs) e em se realizar treinamentos efetivamente voltados para o aperfeiçoamento de capacidades operacionais (Ibid., p.77); (iii) os desafios ligados à informatização e à modernização dos sistemas de comunicações, inteligência, monitoramento e reconhecimento; e (iv) os problemas logísticos e de disponibilidade de modernos equipamentos (ibid., p. 78).

No início da segunda década do século XXI, várias questões colocaram as forças armadas chinesas sob pressão, tais como os separatismos de Taiwan e do Tibet, tensões na fronteira com a Índia, o futuro das relações com a Rússia, os rumos da nuclearizada Coreia do Norte sob Kim Jong-un (2011-), as disputas territoriais no Mar do Sul da China (incluindo a construção de ilhas artificiais) e a

presença de meios militares norte-americanos, australianos e japoneses no seu entorno regional. Em um ambiente de vulnerabilidades e de ameaças em constante transformação, não bastavam novos projetos de aeronaves, de meios navais e terrestres permeando velhas estruturas e culturas organizacionais. Foi nesse quadro e com a ascensão de Xi Jinping que a reforma de 2015 nas forças armadas começou a ser delineada.

## **Política de Defesa Chinesa: Uma Política “de Partido”**

O principal fio condutor da reforma de Xi Jinping iniciada em 2015 é mais abrangente do que garantir forças armadas modernas, bem equipadas, adestradas e capazes de cumprir suas missões. Os temas ligados ao PLA podem ser vistos como um campo tradicionalmente arenoso para as lideranças do país, em função do histórico papel que os militares obtiveram dentro do regime ao longo de décadas, inclusive assumindo diversas atividades não-combatentes, burocrático-administrativas e comerciais, especialmente com Deng Xiaoping (1978-1990) (PAGE, 2016).

Assim, é possível afirmar que a atual reforma de 2015 no PLA é marcada mais pelo caráter político do que técnico-militar. Não se trata, portanto, de meramente garantir mais recursos para a continuidade dos principais projetos militares em curso, mas sim de aperfeiçoar as estruturas internas das forças armadas da China, preparando-as para os desafios da guerra moderna. Nessa direção, Xi Jinping inseriu os militares nos radares de uma abrangente campanha anticorrupção de nível nacional – o que vem servindo não só para garantir a sobrevivência do PCC no poder, mas também para consolidar a própria liderança do presidente (BUCKLEY, 2015; BRANIGAN, 2015). Segundo a agência de notícias oficial do governo chinês, Xinhua, apenas em 2017 um total de 159.100 pessoas foram punidas por corrupção (CHINA punishes..., 2018).

The main political driver of the reform was the desire to tighten political control and supervision of the PLA. On one level, this goal reflects Xi's general tendency toward centralizing authority through the Party-state and his use of the anti-corruption campaign as both a means of rebuilding the Party's image and as a weapon against opponents (WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 32).

Além do intuito de assegurar maior controle político e supervisão das forças armadas chinesas (PLA), outros dois principais objetivos da reforma apontados por Wuthnow e Saunders (2017, p. 23) são: (i) aperfeiçoar a capacidade de conduzir operações conjuntas em vários domínios (com o estabelecimento de um sistema de dois níveis de comando e de operações conjuntas) e (ii) avançar na “integração civil-militar”, sobretudo no que se refere ao sistema de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) associado à defesa. Nesse sentido, foram buscadas maiores integrações entre capacidades de comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, monitoramento e reconhecimento (C4ISR, do inglês) (Ibid., p. 28). Também foi perseguida a redução da influência do componente terrestre (PLAA) no aparato militar, por meio do aumento de efetivo das outras forças e pela criação de quartel-general específico para o exército no mesmo nível das outras forças irmãs (Ibid., p. 30).

Para implementar essa reforma, segundo os mesmos autores, o grupo liderado por Xi Jinping buscou, por exemplo, inserir as mudanças no aparato militar no conjunto mais amplo de reformas implementadas na China a partir de 2013, atrelando a pauta militar à imagem das mais elevadas prioridades do PCC, contando com envolvimento pessoal de Xi (Ibid., p. 37). Outra estratégia utilizada para evitar grandes reações no alto oficialato foi a manutenção de patentes e o oferecimento de posições similares às já ocupadas durante as transformações organizacionais, protegendo os oficiais mais antigos e recompensando os “perdedores” alcançados pelos efeitos das mudanças – o que, ao mesmo tempo, minou potenciais oposições (Ibid., p. 39-40). No mesmo sentido, o maior

envolvimento pessoal de Xi Jinping nos processos seletivos e de promoção do alto nível dos oficiais significou a oportunidade de recompensar aliados e de abrir caminho para apoiadores de sua reforma (Ibid., p. 41).

Saunders e Wuthnow (2016, p. 70) também observam algumas similaridades entre a nova organização sendo montada na estrutura militar chinesa e a existente nos EUA. Contudo, esses autores apontam a questão partidário-ideológica chinesa imbuída no PLA, com claros reflexos na tomada de decisão, como a principal distinção em relação ao sistema adotado nos EUA, tornando a reforma encabeçada por Xi Jinping uma espécie de “Goldwater-Nichols com características chinesas”. Já conforme Kokoshin (2016, p. 2), seria incorreto comparar essa reforma de 2015 com os desdobramentos do Goldwater-Nichols de 1986 nos EUA. Isso porque a iniciativa de Xi Jinping teria propósitos muito mais amplos e minuciosos, “especialmente porque afeta seriamente a política doméstica do país e se encontra relacionada a problemas de estabilidade do sistema político chinês”.

## **As reformas de 2015: Centralização, Foco na Dimensão ‘Joint’ e diminuição de efetivos**

A nova configuração das forças armadas chinesas (PLA) é, sobretudo, uma redefinição das relações de autoridade. Os quatro departamentos (General Staff Department, General Political Department, General Logistics Department e General Armaments Department) subordinados à Comissão Central Militar (CMC – Central Military Commission), até então tradicionalmente liderados por oficiais do componente terrestre (WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 5), deram lugar a 15 órgãos especializados de três tipos (departamentos, comissões e escritórios).

Nesse contexto, é possível destacar o papel exercido pelo novo General Office (incumbido, entre outras funções, de

supervisionar a implementação das reformas – Ibid., p. 11) e pelo recém-criado Equipment Development Department (EDD), responsável por supervisionar o desenvolvimento de armamentos das forças armadas, assim como por estabelecer reformas nos sistemas de P&D e de aquisições (Ibid., p. 36). De acordo com informações divulgadas pelo Ministério da Defesa Nacional chinês (Ministry of National Defense – MND) em uma coletiva de imprensa, há indicativos de uma maior centralização nas aquisições de defesa chinesas:

Q:

How is the Equipment Development Department adjusted and reformed?

A: The CMC Equipment Development Department is mainly responsible for development and planning, R&D, testing and authentication, procurement management and information system construction for the whole military's equipment. We aim to establish a structure in which the CMC

Equipment Development Department takes overall charge, different military services focus on specific construction and management, and battle zones use the equipment in a coordinated way (MND holds..., 2016).

No nível das forças, o Segundo Corpo de Artilharia foi renomeado como Força de Foguetes (Rocket Force), permanecendo no mesmo nível que as outras forças e sendo responsável pela dissuasão nuclear e por ataques precisos com mísseis. Também foi criada a Força de Apoio Estratégico (Strategic Support Force - SSF), definida como “um novo tipo de força de combate para manter a segurança nacional e um ponto importante de fomento das capacidades de combate das PLA”. O propósito da SSF, por enquanto, seria focar em inovação e na integração entre desenvolvimentos militares e civis, sendo possível observar parcerias estratégicas com empresas dos ramos de transportes ferroviários, comunicações e de energia (PLA Strategic Support..., 2018). Entre as áreas de atuação da SSF especuladas estão a cibernética, a guerra eletrônica, a satelital e a informacional no contexto de

operações conjuntas (WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 15-16). Outras novidades que podem ser salientadas são a criação de um quadro denominado de Joint Logistics Support Force e a criação de um quartel-general específico para o componente terrestre (PLAA).

No site do MND, estão elencadas cinco forças: Exército (PLA Army), Marinha (PLA Navy), Força Aérea (PLA Air Force), Força de Foguetes (Rocket Force) e Força de Apoio Estratégico (Strategic Support Force), assim como outras duas “forças”, a Força de Polícia Armada (Armed Police Force) e a Força de Reserva (Reserve Force).

Uma das importantes mudanças suscitadas pela reforma de 2015 foi a substituição dos sete comandos militares de área chineses por cinco Comandos Conjuntos (Theater Commands - TC) voltados para operações conjuntas. Assim, basicamente, enquanto as forças passam a deter a responsabilidade de organizar, treinar e equipar tropas, serão os Comandos Conjuntos os encarregados de conduzir treinamentos conjuntos e operações militares em situações de confronto (WUTHNOW; SAUNDERS, 2017, p. 17-18).

Segundo informações divulgadas pelo Military Balance (IISS, 2017, p. 279), a China contava com um efetivo militar ativo de cerca de 2.183 milhões de pessoas, sendo:

- Ground Forces: 1.150.000
- Navy: 235.000
- Air Force: 398.000
- Strategic Missile Forces: 100.000
- Strategic Support Force: 150.000
- Outros: 150.000
- Paramilitares: 660.000

Torna-se relevante mencionar também que, conforme fontes não oficiais, o orçamento militar chinês, estimado em cerca de US\$ 228,2 bilhões (1,9% do PIB), estaria dividido em três partes praticamente iguais dedicadas, respectivamente, para gastos com pessoal, operações (incluindo treinamentos e exercícios) e equipamentos (WHAT does

China..., sem data). Isso significaria que a China estaria, em tese, próxima (ou até superaria) padrões de gastos militares perseguidos pelas principais potências da OTAN (EUA, Reino Unido, França e Alemanha), isto é, cerca de 2% do PIB alocado em defesa, sendo 20% desse montante dedicado a equipamentos e dispêndios com pessoal abaixo da linha de 50% (OTAN, 2018).

Com base em informações divulgadas em 2017 pela agência chinesa Xinhua, o balanço das reformas de 2015 pode ser assim sintetizado: (i) quatro departamentos gerais foram reorganizados em quinze agências no âmbito da Comissão Militar Central (CMC), significando um corte de um terço de Pessoal; (ii) cinco comandos conjuntos (Theater Commands – TC) foram estabelecidos para substituir os então existentes sete comandos militares de área (Military Area Commands); (iii) uma nova estrutura militar foi estabelecida sob liderança geral do CMC, enquanto os comandos conjuntos são responsáveis por operações militares e as forças (services) se concentram no desenvolvimento de capacidades militares; (iv) após um notável enxugamento das forças terrestres (PLAA), essas passaram a representar, em 2017, menos de 50% das forças armadas chinesas (PLA); (v) mais de mil unidades no nível de regimento ou acima, assim como 30% dos oficiais comissionados, foram cortados durante a reforma; (vi) 77 instituições de ensino militar foram reagrupadas em 43, incluindo a fortalecida Universidade Nacional de Tecnologia em Defesa (NUDT), criada em 1953; e (vii) novas leis e regulamentos sobre assuntos militares foram introduzidos ou alterados, incluindo um regulamento revisado sobre o pessoal civil nas forças armadas, lançado em 10 de novembro de 2017 (FACTS and figures..., 2017).

Com base nesse regulamento de novembro de 2017 e segundo informações difundidas pela agência Xinhua, cabe sublinhar que o CMC teria aprovado a condução, em 2018, de um inédito processo de recrutamento de civis para as forças

armadas (PLA). Essa seleção teria atraído mais de 140 mil participantes para os exames realizados em 42 cidades. Mencionando uma fonte militar, a mesma notícia indica que aproximadamente um em cada 15 candidatos seria recrutado. Mesmo que o real número de civis selecionados se revele abaixo da referida estimativa, trata-se de um marco importante para a estrutura de defesa chinesa, haja vista que o Ministry of National Defense (MND) até recentemente não dispunha de especialistas civis em defesa que “pudessem auxiliar no refinamento das capacidades combatentes ou da doutrina das forças armadas (PLA), bem como nenhuma aptidão em prover supervisão ou assegurar a consecução entre os objetivos da autoridade nacional e as ações das forças armadas” (CHASE et al., 2015, p. 46-47).

In the military, "civilian personnel" refers to those who work in management or professional technical posts. They perform the duties of civilian positions in peace time, but work in active service if necessary, according to a revised regulation on civilian personnel made public in November (CHINESE military launches..., 2018).

O balanço das reformas de 2015 apresenta uma nova estrutura militar, direcionada ao desenvolvimento de capacidades militares.

## Considerações Finais

Este texto se debruçou sobre o atual debate sobre transformação militar na China, focando na reforma iniciada em 2015 nas forças armadas chinesas (PLA) sob a liderança de Xi Jinping.

Com um papel cada vez mais relevante no cenário internacional, a China está situada em um entorno regional repleto de desafios, como a questão de Taiwan, da nuclearizada Coreia do Norte, das disputas territoriais no Mar do Sul da China e dos embates de interesses e de percepções por parte de países como, por exemplo, EUA, Japão, Índia, Rússia e Austrália.

Detentora da segunda maior economia do mundo, a China tem investido

aproximadamente 1,9% do seu PIB em defesa e, a partir das reformas de 2015, parece ter abraçado o compromisso de desenvolver forças armadas de primeira linha até 2050.

Para tanto, ao lado de bilionários e tecnologicamente complexos projetos militares, como, por exemplo, novos navios aeródromos, submarinos, aeronaves de combate e meios navais, as forças armadas chinesas também estão tendo suas estruturas organizacionais renovadas, substituindo tradicionais zonas de conforto burocráticas por comandos conjuntos, fomentando novas culturas organizacionais, diminuindo efetivos administrativos, otimizando cadeias de comando e de controle, extinguindo unidades militares, reduzindo contingentes, aglutinando atividades comuns e abrindo caminho para uma maior integração civil-militar, especialmente no campo da ciência e tecnologia.

Nesse contexto, torna-se interessante frisar fatores como o envolvimento direto de Xi Jinping, os movimentos de construção de apoio para a reforma (mesmo antes de efetivamente iniciá-la) e as estratégias utilizadas para sobrepujar resistências burocráticas em um regime fortemente ideologizado e dependente do suporte das forças armadas para a sua manutenção.

## Referências

BLANCHARD, Ben. China's Xi assumes new role overseeing military reform. Reuters, March 15, 2014. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-china-defence/chinas-xi-assumes-new-role-overseeing-military-reform-idUSBREA2E05W20140315>>. Acesso em: 15/10/2018.

BRANIGAN, Tania. Politburo, army, casinos: China's corruption crackdown spreads. The Guardian, February 14, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/feb/14/china-corruption-crackdown-spreads-xi-jinping>>. Acesso em: 15/10/2018.

BUCKLEY, Chris. Ex-military leader in China is subject of graft inquiry. The New York Times, July 30, 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/07/31/world/asia/ex-military-leader-in-china-is-subject-of-graft-inquiry.html?mtref=undefined>>. Acesso em: 15/10/2018.

CHASE, Michael S.; ENGSTROM, Jeffrey; CHEUNG, Tai Ming; GUNNESS, Kristen A.; HAROLD, Scott Warren; PUSKA, Susan; BERKOWITZ, Samuel K. China's incomplete military transformation. Rand Corporation, 2015. Disponível em: <[https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research\\_reports/RR800/RR893/RAND\\_RR893.pdf](https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR800/RR893/RAND_RR893.pdf)>. Acesso em: 15/10/2018.

CHINA punishes 159,100 in anti-graft campaign in 2017. Xinhuanet, January 7, 2018. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/07/c\\_136878338.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-01/07/c_136878338.htm)>. Acesso em: 15/10/2018.

CHINESE army to raise military training standards. The People's Republic of China. Ministry of National Defense (source: Xinhua), March 20, 2014. Disponível em: <[http://eng.mod.gov.cn/DefenseNews/2014-03/20/content\\_4498796.htm#](http://eng.mod.gov.cn/DefenseNews/2014-03/20/content_4498796.htm#)>. Acesso em: 15/10/2018.

DOMINGUEZ, Gabriel; JOHNSON, Reuben F. China to develop new J-20 variants, Begin research on ‘sixth-generation’ fighter, says report. IHS Jane’s Defence Weekly, 14 March 2018. Disponível em: <<https://www.janes.com/article/78569/china-to-develop-new-j-20-variants-begin-research-on-sixth-generation-fighter-says-report>>. Acesso em: 15/10/2018.

FACTS and figures on China’s military reform. China Military, December 19, 2018. Disponível em: <[http://eng.chinamil.com.cn/view/2017-12/19/content\\_7873713.htm](http://eng.chinamil.com.cn/view/2017-12/19/content_7873713.htm)>. Acesso em: 15/10/2018.

IISS – International Institute for Strategic Studies. The Military Balance. Routledge, 2017.

KOKOSHIN, Andrei A. 2015 Military reform in the People’s Republic of China. Harvard Kennedy School, Belfer Center for Science and International Affairs, October 2016. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/publication/2015-military-reform-peoples-republic-china>>. Acesso em: 15/10/2018.

KROEBER, Arthur R. Xi Jinping’s ambitious agenda for economic reform in China. Brookings, November 17, 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/xi-jinpings-ambitious-agenda-for-economic-reform-in-china/>>. Acesso em: 15/10/2018.

LEI, Zhao. PLA to be world-class force by 2050. China Daily, October 27, 2017. Disponível em: <[http://usa.chinadaily.com.cn/china/2017-10/27/content\\_33756501.htm](http://usa.chinadaily.com.cn/china/2017-10/27/content_33756501.htm)>. Acesso em: 15/10/2018.

LEI, Zhao. Xi requires military to enhance Party building. China Daily, August 20, 2018. Disponível em: <<http://www.chinadaily.com.cn/a/201808/20/WS5b79bf2ba310add14f3868e1.html>>. Acesso em: 15/10/2018.

MALAFAIA, Thiago. Modernização militar na RPC: mudança doutrinária e implementação prática. AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.4, n.8, Jul./Dez. 2015, p. 130-162. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/austral/article/view/50876/36985>>. Acesso em: 15/10/2018.

MCLANNAHAN, Ben. Goldman fund walks away from the Brics era. Financial Times, November 8, 2015. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/89f59acc-8679-11e5-8a12-b0ce506400af>>. Acesso em: 15/10/2018.

MCRAE, Hamish. By 2030, economies like China and India will hold dominance over West – and influence our decisions. Independent Voices, September 26, 2018. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/hsbc-economies-china-india-emerging-west-east-technology-a8556346.html>>. Acesso em: 15/10/2018.

MND holds press conference on CMC organ reshuffle. China Military Online, January 12, 2016. Disponível em: <[http://eng.chinamil.com.cn/view/2016-01/12/content\\_7160578.htm](http://eng.chinamil.com.cn/view/2016-01/12/content_7160578.htm)>. Acesso em: 15/10/2010.

MYERS, Steven. With ships and missiles, China is ready to challenge U.S. Navy in Pacific. The New York Times, August 29, 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/08/29/world/asia/china-navy-aircraft-carrier-pacific.html>>. Acesso em: 15/10/2018.

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte. Defence expenditure of NATO countries (2010-2017). Communiqué PR/CP (2018) 16, 15 March, 2018. Disponível em: <[https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_2018\\_03/20180315\\_180315-pr2018-16-en.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2018_03/20180315_180315-pr2018-16-en.pdf)>. Acesso em: 15/10/2018.

PAGE, Jeremy. President Xi Jinping's most dangerous venture yet: remaking China's military. The Wall Street Journal, April 24, 2016. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/president-xi-jinpings-most-dangerous-venture-yet-remaking-chinas-military-1461608795>>. Acesso em: 15/10/2018.

PLA Strategic Support Force seeks cooperation with central enterprises. China Military Online, June 6, 2018. Disponível em: <[http://eng.chinamil.com.cn/view/2018-06/06/content\\_8054158.htm](http://eng.chinamil.com.cn/view/2018-06/06/content_8054158.htm)>. Acesso em: 15/10/2018.

SAUNDERS, Phillip C.; WUTHNOW, Joel. China's Goldwater-Nichols? Assessing PLA organizational reforms. Joint Force Quarterly, 3rd quarter, 82, July 1, 2016, p. 68-75. Disponível em: <<http://ndupress.ndu.edu/Media/News/Article/793267/chinas-goldwater-nichols-assessing-pla-organizational-reforms/>>. Acesso em: 15/10/2018.

THE ECONOMIST. World GDP. Economic and financial indicators, June 13th, 2015. Disponível em: <<https://www.economist.com/economic-and-financial-indicators/2015/06/13/world-gdp>>. Acesso em: 15/10/2018.

TIAN, Nan; FLEURANT, Aude; WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T.; KULMOVA, Alexandra. Trends in World Military Expenditure, 2017. SIPRI Fact Sheet, May 2018. Disponível em: <[https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-05/sipri\\_fs\\_1805\\_milex\\_2017.pdf](https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-05/sipri_fs_1805_milex_2017.pdf)>. Acesso em: 15/10/2018.

WHAT does China really spend on its military? Center for Strategic and International Studies (CSIS), China Power, sem data. Disponível em: <<https://chinapower.csis.org/military-spending/>>. Acesso em: 15/10/2018.

WONG, Edward; PERLEZ, Jane; BUCKLEY, Chris. China announces cuts of 300,000 troops at military parade showing its might. The New York Times, Sept., 2, 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/09/03/world/asia/beijing-turns-into-ghost-town-as-it-gears-up-for-military-parade.html>>. Acesso em: 15/10/2018.

WORLD BANK. GDP growth (annual %) – China (1961-2017). Sem data. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?end=2017&locations=CN&start=1961>>. Acesso em: 15/10/2018.

WORLD BANK. Gross domestic product 2017. World Development Indicators database, 1 July 2018. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>>. Acesso em: 15/10/2018.

WUTHNOW, Joel; SAUNDERS, Phillip C. Chinese military reforms in the Age of Xi Jinping: drivers, challenges, and implications. National Defense University (NDU), Institute for National Strategic Studies (INSS), Center for the Study of Chinese Military Affairs, China Strategic Perspectives, nº 10, March 2017. Disponível em: <<http://ndupress.ndu.edu/Media/News/Article/1125539/chinese-military-reforms-in-the-age-of-xi-jinping-drivers-challenges-and-implic/>>. Acesso em: 15/10/2018.

YAO, Kevin; BLANCHARD, Ben. China unveils boldest reform in decades, shows Xi in command. Reuters, November 15, 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-china-reform/china-unveils-boldest-reforms-in-decades-shows-xi-in-command-idUSBRE9AE0BL20131115>>. Acesso em: 15/10/2018.

YEO, Mike. China's military capabilities are booming, but does its defense industry mirror that trend? Defense News, August 14, 2018. Disponível em: <<https://www.defensenews.com/top-100/2018/08/14/chinas-military-capabilities-are-booming-but-does-its-defense-industry-mirror-that-trend/>>. Acesso em: 15/10/2018.

YUSHA, Zhao. China one step closer to nuke-powered aircraft Carrier with cutting-edge icebreaker comes on stream. China Military/Global Times, June 23, 2018. Disponível em: <[http://eng.chinamil.com.cn/view/2018-06/23/content\\_8069129.htm](http://eng.chinamil.com.cn/view/2018-06/23/content_8069129.htm)>. Acesso em 15/10/2018.